

MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS (\*)

A ESCRITA NA VIDA DA GENTE:  
SOBRE «AUTOBIOGRAFIAS OPERÁRIAS» (1)

O SILENCIO É DE OIRO?

Um dos mais hábeis magos da palavra de todos os tempos, William Faulkner, falando um dia sobre o significado da existência pela boca de uma das suas personagens mais patéticas, afirmou que as palavras não são mais que formas para encher as falhas da gente (2). Curiosa circunstância esta, em que um grande romancista moderno (do sexo masculino) inventa um cadáver em putrefacção (do sexo feminino) para lhe pôr nos lábios a sua diatribe antinomialista. Se os nomes são formas para preencher falhas, dir-se-ia que a autenticidade do ser se há-de medir pelo silêncio, e por isso mesmo o cadáver de Addie Bundren «fala» em escutar a negra ausência de voz em que as

---

(\*) Professora do Departamento de Anglo-Americanística da Faculdade de Letras de Coimbra.

(1) Embora toda a problemática relacionada com a chamada *cultura operária*, ou *cultura das classes trabalhadoras*, esteja subjacente ao apontamento que se segue, não pretendo entrar aqui explícita e alargadamente nessa discussão. Proponho apenas, como se verá, uma reflexão atenta sobre experiências de trabalhadores ingleses, que buscam o seu sentido numa sociedade-a-transformar através da escrita do seu modo de vida, isto é, através da conquista de uma linguagem própria. Para uma útil problematização recente da questão da cultura operária, veja-se Richard Johnson, «Three Problematics: Elements of a Theory of Working-Class Culture», in Clarke, Critcher, Johnson (eds.), *Working Classe Culture: Studies in History and Theory*. London, Hutchinson University Library, 1979, pp. 201-237.

(2) William Faulkner, *As I Lay Dying*, New York, Vintage, 1964 [1930], pp. 161-168.

palavras *são* os actos. O fascínio deste solilóquio macabro tem justamente arrebatado os melhores comentadores de Faulkner. E arrebatado é o termo, pois que ninguém afinal se deu ainda conta de que esta celebração do real no silêncio é verdadeiramente a perpetuação da ausência de voz de (pelo menos) metade da população do universo <sup>(3)</sup>. O romance de Faulkner termina esperançadamente na boca de Cash, o filho varão dos Bundren, aquele a quem o autor concede a difícil aprendizagem da palavra. Ao longo do enterro grotesco da mãe, Cash foi capaz de aprender a casar o acto à palavra, e por isso lhe é confiada a última fala do romance. Então, só para Addie é que as palavras (masculinas) são outras tantas formas para preencher falhas; só ela se pode consolar com esta visão (e mesmo assim só depois de morta), porque só ela compreende que as palavras — pertença do mundo patriarcal em que ela, ex-professora, sabiamente se distribui silente papel — estão em total desacordo com a experiência, com a sua experiência de mulher, vista, sentida, falada por uma mulher.

Não é, porém, o delicado problema de uma estética feminina que me ocupa aqui. Interessa-me, sim, reflectir sobre a importância e o poder da palavra, que a imaginação genial de Faulkner *parece* pôr em causa neste romance. Interessa-me, sobretudo, reflectir e convidar a reflectir sobre os modos de produção, apropriação e utilização de uma linguagem capaz de corresponder à experiência real e às reais necessidades das pessoas. Assim deverão ser entendidas as breves páginas que se seguem sobre a escrita na vida da gente.

Recentemente foi-me dado ler o manuscrito de uma autobiografia operária para eventual publicação. <sup>(4)</sup> A simples leitura atenta do texto revela claramente que o seu autor, há anos emigrado em Londres, foi movido pelos vários impulsos que os teóricos da autobiografia entendem estar na base da

---

<sup>(3)</sup> Não cabe aqui uma bibliografia exaustiva sobre o assunto. Veja-se, no entanto, a título de exemplo, como a questão continua silenciada no importante estudo de Myra Jehlen sobre *Class and Character in Faulkner's South*, New York, Columbia University Press, 1976.

<sup>(4)</sup> Virgílio Santos, *A História da Minha Vida. Primeira Parte: O Marçano*. Este projecto de publicação de uma autobiografia de emigrante andou inicialmente associado ao Congresso das Comunidades, adiado, como é do conhecimento público, em circunstâncias lamentáveis. A cooperativa editorial de Coimbra, a Centelha, continua, no entanto, empenhada na sua publicação.

criação deste género tão controverso. <sup>(5)</sup> Escrevemos a nossa autobiografia essencialmente porque ambicionamos de nós próprios individualmente um conhecimento mais profundo, o qual se espera produza, na leitura, uma melhor compreensão de um espaço e de um tempo determinados. O elemento narcísico pode (e talvez deva) estar presente, mas não esgota o acto autobiográfico <sup>(6)</sup>, o qual é, antes de mais, a visão do social na auto-confrontação. Virgílio Santos escreve a sua autobiografia, porque o gesto mesmo de dar espaço e tempo de escrita ao seu passado é eminentemente didáctico, e autodidáctico, de um ponto de vista social.

Parece, pois, evidente que a simples decisão de escrever uma autobiografia pressupõe um razoável grau de consciência literária; ou, se nos permitirmos aqui uma formulação coleridiana, escrever uma autobiografia implica uma certa fé poética: a convicção de que a fixação da auto-reflexão pela escrita é uma experiência válida de auto-gnose susceptível de ser partilhada de uma forma socialmente fecunda através da leitura. Só quem tem noção, mesmo que vaga, do poder da palavra e da força potencialmente arrebatadora da sua fixação escrita, se dará ao trabalho de oferecer o seu auto-retrato à desprevenida ignorância de coevos e vindouros. Uma autobiografia é a dádiva (ou o presente) pessoal de um passado, a que a leitura traz a dinâmica essencial do futuro na compreensão. Virgílio Santos escreve hoje a sua autobiografia para que o futuro, que somos nós, leitores de todos os tempos, dê forma presentificadora à compreensão do seu passado. Virgílio Santos escreve, não apenas para dar testemunho de uma sobrevivência humana em condições particularmente adversas, mas sobretudo para inspirar, na compreensão de um tempo, de um espaço e de circunstâncias bem definidas, a necessidade inevitável da mudança. E escreve ainda, mesmo que isso não esteja explícito no seu texto, para

---

<sup>(5)</sup> Seria quase impertinente aqui um registo, mesmo sumário, da extensa bibliografia sobre o assunto. Para uma indicação aproximada das posições de que partem as minhas reflexões neste artigo, veja-se o número 1 do IX volume de *New Literary History* (Autumn 1977), totalmente dedicado ao problema da autobiografia. De particular importância o artigo de Louis A. Renza, com uma excelente bibliografia incluída nas notas. Útil foi ainda a leitura do artigo de William L. Howarth, «Some Principles of Autobiography», *New Literary History* 5 (Winter 1974), 363-381.

<sup>(6)</sup> Por isso direi que a escrita autobiográfica tem *sempre* interesse documental, por mais narcísista que seja o impulso originário. Para uma posição diversa veja-se o início da recensão da autobiografia de E. R. Dodds (*Missing Persons: An Autobiography*, Oxford, Clarendon Press, 1977) feita por M. H. Rocha Pereira em *Humanitas* 29-30 (1977-78), pp. 292-294.

dar testemunho da própria força da escrita. Escrever é conhecer e saber é poder.

Falar de autobiografia em termos do poder ou da força da palavra escrita é o mesmo que falar dos grandes espaços de vidas ausentes, das grandes bolsas de silêncio, desse silêncio que só é de ouro para quem o excesso da palavra se tornou luxo sufocante. Mesmo admitindo que é inadequada a classificação tipológico-vocacional da autobiografia proposta por Roy Pascal<sup>(7)</sup>, a verdade é que em vão buscaríamos nos seus quadros classificatórios autobiografias de trabalhadores humildes, daqueles produtores de bens e serviços tão insignificamente essenciais que nem merecem menção, por ser impossível imaginar o dia-a-dia sem eles. É que a autobiografia tem sido o género por excelência daqueles a quem Jorge de Sena por certo chamaria também os insigne(s)-ficantes<sup>(8)</sup> — e é urgente que deixe de ser assim. É urgente que assumamos a importância da produção de cultura escrita pelas classes ditas incultas; é urgente, sobretudo, que seja estimulada a fixação escrita própria da experiência dos insignificantes da História.<sup>(9)</sup>

Não falo de autobiografias como a de Virgílio Santos, a qual, em boa verdade, repete um fenómeno relativamente frequente na história da autobiografia universal: um autodidacta, um homem que venceu na vida à custa do seu próprio esforço, conta, aliviado, e não raro com certos requintes barrocos de estilo, a sua *success story*.<sup>(10)</sup> Muito menos falo das vidas pitorescas de gentes modestas mais ou menos fielmente registadas por antropólogos, sociólogos, jornalistas, sociólogos da literatura ou mesmo romancistas<sup>(11)</sup> — um processo que tende sem-

(7) Roy Pascal, *Design and Truth in Autobiography*, Cambridge, Mass., 1960.

(8) Jorge de Sena, «Aleixandre ou o Prémio Nobel aos Insignes-Ficantes», *Diário Popular* (1/6/78).

(9) Esta urgência há muito foi sentida noutros países, na Alemanha com particular incidência. Considere-se o *Grupo 61* em, e. g., Peter Kühne, *Arbeiterklasse und Literatur: Dortmunder Gruppe 61. Werkkreis Literatur der Arbeitswelt*. Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1972.

(10) Esta descrição não é inteiramente justa: o êxito de Virgílio Santos, actualmente trabalhador da indústria hoteleira em Londres, é muito relativo. Mas o *modo* e o *tom* da sua escrita permitem-nos a sua inclusão na referida categoria. Veja-se, a este respeito, o artigo de J. Pacheco Pereira sobre duas autobiografias operárias portuguesas, publicado no *Diário de Notícias* (28/8/79). No mesmo sentido é ainda importante o IV capítulo da obra de Leo Lowenthal, *Literature, Popular Culture, and Society*, Palo Alto, Califórnia, Pacific Books, 1968 [1961].

(11) Oscar Lewis (*The Children of Sanchez*) é o nome que imediatamente vem à ideia, mas também James Agee (*Let Us Now Praise Famous Men*) e John Steinbeck (*The Grapes of Wrath*). Cf. ainda a obra citada na nota seguinte.

pre a reduzir os protagonistas a meros objectos da história, mesmo que esta seja narrada na primeira pessoa, verdadeiros eus passivos superiormente registados pelo real sujeito pensante e ordenador. Em qualquer destes casos nos poderíamos regozijar pelo facto de o povo tomar a palavra <sup>(12)</sup>, nada mais.

Do que falo é da criação da própria palavra e da palavra própria no processo lento e doloroso de auto-exploração, auto-conhecimento e auto-expressão de gente que vive geralmente fora do circuitos tradicionais da cultura literária, se exceptuarmos o consumo indiscriminado das ofertas aliciantes daquilo a que chamamos a indústria da cultura. Falo de produção, não de consumo; falo da produção própria e activa de um sentido próprio <sup>(13)</sup>, não de um consumo passivo de sentidos alheios; falo da criação de uma linguagem própria, capaz de dar resposta pela palavra, e não pelo silêncio, ao ataque desrealizante e mistificador de palavras e linguagens outras. Falo, em suma, de espaços de escrita em que as palavras não são meras formas para encher as falhas das pessoas, antes são o sinal exacto da experiência total, porque assim totalmente compreendida, realizada e revelada. Falo, concretamente, de autobiografias produzidas em circunstâncias que me parecem verdadeiramente fecundas de um ponto de vista sócio-cultural, porque autênticos lugares de auto-compreensão e, por isso, de compreensão do mundo. As experiências a que a seguir farei breve referência são esforços conscientes no sentido da comunicabilidade necessária ao com-viver humano: a auto-descoberta e revelação de *modos de vida* mediante a apropriação linguística com a intenção deliberada de escapar à mera formalização.

A cultura é o centro do nosso encontro com nós mesmos, o espaço de uma tradição em que encontramos o nosso lugar próprio de sujeitos pensantes e fautores. Produzimos cultura dela nos apropriando pelos processos dinâmicos e incessantes da escrita e da leitura. Hoje, mais do que nunca, na nossa «civilização ocidental», a leitura e a escrita são as formas por excelência da reflexão, da intervenção, da fixação, da transmissão e da problematização de ideias, e só lendo e escrevendo teremos

---

<sup>(12)</sup> Como faz Martin Walser na sua introdução às entrevistas concebidas e publicadas por Erika Runge, *Bottroper Protokolle*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1968.

<sup>(13)</sup> No que se segue a minha linguagem é claramente influenciada pelo pensamento de Miguel Baptista Pereira, especialmente em *O Lugar de «Ser e Tempo» na Filosofia Contemporânea da Linguagem*, separata de *Biblos LVI*, Coimbra, 1980.

direito à verdadeira participação numa tradição cultural<sup>(14)</sup>. A alfabetização, que sempre teve e terá objectivos de eficácia económica bem determinados nas estruturas sócio-políticas em que vivemos, é também, na nossa sociedade, condição essencial de uma verdadeira «arte de viver» e não pode, por isso, resumir-se à linear aprendizagem da leitura e da escrita «neutras», destinadas ao mero consumo de cultura.

Estas convicções estão na base de inúmeros projectos hoje levados a cabo em diferentes países, mas infelizmente de escassa projecção entre nós.<sup>(15)</sup> Sirvam-nos aqui de exemplo a prática coerente das publicações dadas a lume pelo *Centerprise Publishing Project* de Hackney (Londres)<sup>(16)</sup>. Tudo começou em 1972, quando dois professores primários desse distrito londrino, insatisfeitos com as condições de ensino e aprendizagem na escola, sugeriram à comunidade a publicação de um livro de leitura capaz de corresponder à variada experiência urbana das crianças, sem simplisticamente a reproduzir. Este livrinho, intitulado *Hackney Half Term Adventure*, publicado a expensas dos trabalhadores de Hackney e hoje várias vezes reeditado, bem podia servir de inspiração a tantos de nós, pais e professores, dia-a-dia confrontados com a pobreza franciscana (para não falarmos das tortuosidades ideológicas) dos livros de leitura dos nossos filhos e alunos.

No mesmo ano de 1972, na sequência da participação de alguns membros da *Hackney Worker's Educational Association* num colóquio sobre História realizado em Oxford (Ruskin College), nasceu na comunidade uma outra ideia interessante: a de criar uma história local com base nas memórias das gentes trabalhadoras da área. E assim nasceu a série *Hackney People's Autobiography*, cuja preocupação é revelar a História de uma forma significativa para aqueles que nela sempre têm ficado ocultos. A descrição do modo de produção de um desses livros ajudará a compreender o objectivo ambicionado: a imagem de uma História que seja verdadeiramente o passado

(14) Uma tradição que não tem de ser a *mesma*. Sobre a heterogeneidade de culturas veja-se o artigo de Richard Johnson, loc. cit., p. 235.

(15) Aí está uma iniciativa condigna de tantos e tantas profissionais da leitura e da escrita, perdidos por esse Portugal abaixo nas frustrações de um sistema educativo a desmoronar-se. Experiência interessante neste sentido é, ao que julgo saber, a levada a cabo por grupos do GRAAL junto de mulheres trabalhadoras das zonas rurais de Coimbra.

(16) Uma boa fonte de informação sobre este e outros projectos análogos é *Writing* (Worker and Community Publishers), London, Centerprise, 1978. Indispensável é ainda a consulta de material fornecido regularmente pela publicação berlinense, *Informationen zur zweiten Kultur in Grossbritannien*.

daqueles que continuam ainda a ser os seus principais construtores, uma imagem que desperte, não só o desejo de a conhecer, mas também a satisfação desse conhecimento. Assim, dois membros do grupo interessados neste tipo de trabalho gravaram sucessivas entrevistas com Arthur Newton, um velho sapateiro de Hackney, que registou com evidente prazer (e não sem alguma nostalgia) a vida de trabalho que lhe foi dado conhecer entre 1900 e 1965: os anseios, as frustrações, as esperanças e as realizações de três gerações de uma família operária desse distrito de Londres. De volta ao centro, os dois entrevistadores dactilografaram cuidadosamente as gravações e entregaram depois o manuscrito assim conseguido à leitura atenta do entrevistado. O livro foi finalmente publicado por *Centerprise* depois de revisto com o maior cuidado e carinho pelo velho sapateiro. Hoje, *Years of Change*, juntamente com várias outras publicações do género, é o registo de um passado, imprescindível para a compreensão de um presente.

O processo e os objectivos aqui descritos são semelhantes aos que presidem às publicações de *QueenSpark Books* de Brighton. *QueenSpark* começou por ser (também em 1972) o nome de um jornalzinho produzido numa determinada comunidade da cidade inglesa de Brighton. Uma das rubricas que cedo despertou maior interesse foi a secção dirigida por Molly Morley sob o título de *Sparchives* <sup>(17)</sup>. Nesses pequenos quadros inspirados em diálogos com velhos residentes de East Brighton e pintados com as cores da linguagem mais viva e expressiva, Molly Morley conseguiu projectar imagens inesquecíveis de gentes e profissões, bairros e ruas, experiências e costumes de outros tempos. Não tardou muito que a leitura de relatos tão pitorescos suscitasse o interesse de outros velhos habitantes em contar, porventura escrever e publicar, a história dos seus bairros tal qual a tinham conhecido no seu tempo. De novo aqui o que me parece interessante e verdadeiramente fecundo e inspirador, e imitável, é o modo de produção.

Stephen Yeo, um dos mais activos membros do grupo de *QueenSpark*, explica como os métodos de produção, distribuição e consumo utilizados estão longe de ser neutros, antes fazendo, tanto ou mais do que os próprios livros, parte integrante dos objectivos a alcançar. O importante é o trabalho colectivo com os autores; o desencorajamento da ideia de autor como um produtor solitário; a leitura colectiva e a discussão de projectos

---

<sup>(17)</sup> *Writing*, citado na nota anterior, inclui alguns dos exemplos mais característicos desta rubrica (pp. 154 sgs.)

e textos; a organização de grupos de trabalho à volta de cada projecto (grupos diferentes e independentes mas articulados entre si); a distribuição porta-a-porta, mais do que através das livrarias; o contacto com escolas, clubes de reformados e outros agrupamentos similares para que os livros e seus autores sejam utilizados e enriquecidos pelo uso; o constante incitamento ao aparecimento de novos projectos, quer pela procura, quer pela oferta. «O nosso objectivo», diz Stephen Yeo, «é dar voz pública a gente que normalmente a não tem. Acreditamos na 'comunidade' e na 'democracia' como bens que têm de ser construídos e não simplesmente defendidos. Queremos contribuir para a criação de uma situação em que a capacidade de decisão, a criatividade, o trabalho auto-produzido e auto-controlado, os divertimentos, a educação e a cultura se transformem numa riqueza partilhada por todos». <sup>(18)</sup> Esta será, porventura, uma das respostas a dar à velha pergunta, tantas vezes reformulada: como é possível à classe operária encontrar a sua própria voz cultural sem se renegar? como pode ela assumir-se como herdeira das tradições culturais do passado sem renunciar ao orgulho legítimo de uma criatividade própria e diferente? <sup>(19)</sup>

E aqui me deterei brevemente em dois volumes publicados pela *Centerprise*, que me parecem particularmente interessantes e originais (e férteis) no contexto latíssimo da chamada cultura operária. <sup>(20)</sup> Ambos se intitulam *Working Lives* e ambos incluem narrativas de modos de vida variados, desde o chamado trabalho «manual» de um alfaiate ou de uma bordadeira ao trabalho «intelectual» de um professor ou de uma assistente social, passando pelo trabalho considerado «não especializado» de um carroceiro ou de uma mulher da limpeza. O primeiro volume ocupa-se de vidas de trabalho situadas nos quatro decénios que vão de 1905 a 1945; o segundo cobre o espaço de tempo entre 1945 e 1977. A leitura de qualquer das obras confirma a observação incluída na introdução ao segundo volume — os trabalhadores têm perfeita noção da utilidade dos seus serviços

<sup>(18)</sup> Stephen Yeo, «QueenSpark Books, Selections and Comment», in *South East Arts Review* (Winter 1977), pp. 21 sgs.

<sup>(19)</sup> Cf., e. g., Wilfried van der Will, «Contemporary Working-Class Literature in West Germany and Britain», in *Workers and Writers, Proceedings of the Conference of Present-Day Working-Class Literature in Britain and West Germany*, Birmingham, 1975.

<sup>(20)</sup> Cf. a nota 1. Acrescente-se ainda que o adjectivo «operário» poderá ser pouco adequado, uma vez que os modos de vida descritos incluem uma gama variada de profissões: artífices, pequenos industriais, empregados de balcão, enfermeiros, donas-de-casa, professores, etc., etc.



e quase todos eles deixam transparecer nas suas narrativas o conflito latente nas suas vidas de trabalho entre servir o próximo e trabalhar para o patrão remunerador (seja ele o estado, ou uma empresa privada, ou mesmo o próprio).

Trata-se, pois, de duas colectâneas de vidas, a que talvez não seja muito adequado chamar autobiografias<sup>(21)</sup>; enquanto, por exemplo, os livrinhos de QueenSpark já aqui mencionados, ou mesmo outras obras publicadas pela *Centerprise* na série Autobiografia e História, têm um interesse documental (histórico) acentuado, ao mesmo tempo que traçam a evolução de um determinado indivíduo num contexto de relações e actividades complexas e variadas, os textos aqui incluídos são antes, como atrás já sugeri, autênticas descobertas-revelações de diferentes modos de vida, entendidos e assumidos pelos seus autores/sujeitos no acto mesmo de os descreverem. Por outro lado, enquanto as autobiografias atrás mencionadas se concentram no passado e falam obviamente para a História, estes textos falam do passado, é certo (sobretudo o primeiro volume), e têm indiscutível interesse histórico, mas falam do presente também, falam do trabalho aqui e agora, de tarefas obscuras mas nem por isso menos importantes na sociedade, como de ofícios de insuspeitadas exigências de rigor e perícia. São vidas de trabalho vividas, faladas, escritas, por isso assumidas e compreendidas. São o testemunho do mínimo de compreensão de si e do mundo exigível ao ser humano para começar a reflectir sobre a sua situação e sobre a possibilidade de qualquer mudança.<sup>(22)</sup>

Não quero com isto dizer que se trate de frios registos desgarrados de meros factos do trabalho na vida das pessoas — a importância que o trabalho tem para o sujeito narrador

---

<sup>(21)</sup> A designação «auto-retrato» (tendo em mente os vários auto-retratos de, por exemplo, Rembrandt) caberia aqui talvez melhor. Sobre esta distinção (sabidamente aproveitada por Boaventura de Sousa Santos em «Science and Politics: Doing Research in Rio's Squatter Settlements», incluído em Robin Luckam (ed.), *Law and Social Enquiry: Case Histories of Research*, a sair brevemente em Londres e Upsala), veja-se Michel Beaujour, «Autobiographie et autoportrait», *Poétique* 32 (Novembre 1977), pp. 442-458.

<sup>(22)</sup> Creio ser este o espírito por detrás da ideia de provocar (e publicar) «autobiografias» de trabalho científico, como a que acaba de ser citada na nota anterior (Cf. ainda Boaventura de Sousa Santos, «Da Sociologia da Ciência à Política Científica», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 1 (Junho de 1973), esp. pp. 53-54). O mesmo espírito preside à concepção de uma cadeira, regida por Maritn Kayman no âmbito da Literatura Inglesa na Faculdade de Letras de Coimbra em 1978-79 e 1979-80, intitulada «Self-Portraits»: os alunos estudam o problema da autobiografia literária, mas são também convidados a produzir as suas próprias escritas autobiográficas.

como para a sociedade em geral ressalta clara das narrativas. Por outro lado, se o foco é posto em cada texto num modo de (ganhar a) vida, a verdade é que, tanto as breves introduções a cada narrativa, como as próprias narrativas isoladamente, como o conjunto das narrativas no seu todo tornam evidente que cada indivíduo se completa em múltiplas outras formas de trabalho (e ser) para além da profissão descrita. Facto curioso acerca destas narrativas é o cuidado com que o trabalho de cada um é descrito, com a minúcia e a exactidão de um especialista (quer se trate da perícia da bordadeira ou do barbeiro, quer se trate da tarefa — aparentemente — desinspiradora de limpar escritórios a desoras ou de demolir prédios velhos). Interessante seria imaginar (e não seria aliás difícil pôr em prática entre nós iniciativas semelhantes) o trabalho moroso, construtivo, da fixação das narrativas. Tal como os grupos ligados a *QueenSpark*, também *Centerprise* tem a preocupação do trabalho colectivo. Cada modo de vida foi narrado individualmente perante um grupo e assim gravado; depois foi transcrito, lido pelo autor e pelo grupo, reescrito pelo autor, de acordo com critérios seus e do grupo acerca do essencial e do supérfluo, acerca da forma e correcção linguísticas desejáveis — numa notória preocupação de eficácia. «Preocupa-nos a palavra escrita, não a fala», diz-se na introdução ao primeiro volume. E a introdução ao segundo volume torna claro por que razão é a palavra escrita o importante: além de ser esse o modo de compreensão por excelência da cultura dominante, é preciso que as pessoas olhem o passado, não com nostalgia, ou com alívio porque é passado, ou sequer com um misto de saudades e alívio, mas que *vejam* (i.e., escrevam e leiam) como se pode, ou não, processar a mudança.

Nada está parado na sociedade. Mas só podem ter papel activo na mudança desejada aqueles que bem compreendam os mecanismos e os processos da mudança. Compreender é conhecer, e nós já vimos atrás que o conhecimento está, na nossa sociedade, indissoluvelmente associado à escrita e à leitura. <sup>(23)</sup> Se escrever é conhecer e saber é poder, a educação (instrução,

---

<sup>(23)</sup> Sobre esta afirmação eventualmente polémica na era da televisão, veja-se Boaventura de Sousa Santos, *O Discurso e o Poder: Ensaio Sobre a Sociologia da Retórica Jurídica*, Separata do *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra*, Coimbra, 1980, pp. 101 sgs. Dada a contaminação pela escrita da «oralidade secundária» da televisão de que fala este autor, a cultura escrita é mais do que nunca imprescindível para uma recepção inteligente e desmitificadora dos meios de comunicação de massas.

alfabetização, etc.) só tem sentido quando fundamente articulada com a assunção, *também* pela escrita, do próprio estar-aí do homem e da mulher nas suas situações concretas. Escrever a vida da gente é um primeiro passo para a compreensão do mundo irrecusável em que vivemos — para a compreensão necessária à vontade de mudar a vida. Adaptando a esperança das palavras de um jovem autobiógrafo numa das mais recentes publicações dadas a lume pela *Centerprise* <sup>(24)</sup>, escrevo aqui a certeza de que a escrita (e a leitura) do modo de vida da gente nos ensinará a todos donde vimos e nos despertará o desejo de aí voltar com a força irreprimível da mudança. Só assim poderemos dizer, parafraseando Myrtle Mae Green, cabeleireira, que tudo é feito por nós. <sup>(25)</sup>

---

<sup>(24)</sup> Trata-se de *Our Lives. Young People's Autobiographies*, Inner London Educational Authority English Centre, London, 1979. Esta obra reúne as autobiografias de jovens negros ingleses, emigrantes ou «retornados» das várias Áfricas ou das Índias Ocidentais. Um deles, reflectindo sobre a condição de vida do emigrante-forçado, depois de uma visita à sua Jamaica natal, alvitra que o segredo da mudança terá justamente de passar pela assunção ativa da própria origem: «Perhaps they should feel proud they come from a country called Jamaica and want to go back and change it» (p. 54).

<sup>(25)</sup> «... sometimes I am so pleased with myself. I have done some marvellous work. I have done it all». *Working Lives*. Volume Two. Hackney 1945-77. London, Centerprise, 1977, p. 42.